



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ROBSON SOUZA DE ANDRADE FILHO

O COMÉRCIO NA REPÚBLICA DE VENEZA ATRAVÉS DA HISTORIOGRAFIA

SÃO CRISTÓVÃO - SE

2023

ROBSON SOUZA DE ANDRADE FILHO

O COMÉRCIO NA REPÚBLICA DE VENEZA ATRAVÉS DA HISTORIOGRAFIA

Artigo apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História.

Orientador: Bruno Gonçalves Alvaro

SÃO CRISTOVÃO – SE

2023

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a minha mãe, Elaine e meu pai, Robson. Sem eles, eu não teria chegado até aqui. Tenho gratidão por todo o suporte que me proporcionaram a vida inteira. Graças aos meus pais, tive a oportunidade de estudar e ter segurança para concluir o presente trabalho. Agradeço pela inspiração, compreensão, incentivo e conforto que minha mãe e meu pai ofereceram durante toda a minha vida. Espero um dia expressar o tamanho da gratidão que sinto por eles.

Agradeço a minha avó, Maria, que já não está mais aqui. Que durante a sua vida inteira incentivou os meus estudos. Pelo apoio que sempre ofereceu com compaixão e por sempre torcer por mim. Nunca te esquecerei.

A minha irmã, Laura. Por toda a sua compreensão durante os meus estudos.

Ao professor Bruno, o orientador deste artigo. Que durante todo o desenvolvimento do trabalho, ofereceu bons conselhos, compreensão e ajuda.

Aos meus amigos que sempre me apoiaram.

A minha tia Paula e Daniel, que sempre me incentivaram. Agradeço por todo o incentivo aos estudos e por me ajudarem quando precisei.

Resumo

A Sereníssima República de Veneza estabelece as bases da sua primazia mercantil a partir do século XIII. Através do comércio realizado entre diferentes regiões do Mediterrâneo os mercadores venezianos prosperaram, contribuindo para que a cidade se tornasse um polo comercial ao longo dos séculos XIII e XV. O artigo busca compreender o comércio de Veneza, tendo como destaque o final século XIV e primeira metade do século XV. Período em que a cidade se transforma no centro de um relativamente extenso império e conquista a sua predominância no comércio de especiarias do Mediterrâneo oriental. A perspectiva a ser explorada evidencia o poder naval, as colônias venezianas e as relações diplomáticas como elementos fundamentais para o predomínio mercantil de Veneza. Sem deixar de destacar o papel dos mercadores nas transações das lucrativas especiarias e dos metais ocidentais, o que contribuiu para o estreitamento das relações comerciais e culturais entre Ocidente e Oriente. Visando a compreensão dos fatores que tornaram possível a primazia comercial veneziana, as obras “Venice, a maritime republic”, de Frederic Lane, “Veneza Imperial (1380-1580)” de D. S. Chambers e “City of Fortune – How Venice ruled the seas” de Roger Crowley, são analisadas no presente trabalho.

Palavras-chave: Veneza; idade média; comércio veneziano; economia de Veneza.

Abstract

The Serenissima Republic of Venice established the foundations of its mercantile primacy from the 13th century onwards. Through the trade carried out between East and West, Venetian merchants prospered, confident that the city would become an attractive hub for business, throughout the 13th and 15th centuries. The article seeks to understand the trade of Venice, highlighting the end of the fourteenth century and the first half of the fifteenth century. Period in which the city becomes the center of a relatively extensive empire and conquers its predominance in the spice trade of the eastern Mediterranean. A perspective to be explored highlights naval power, the Venetian colonies and diplomatic relations as key elements for Venice's mercantile dominance. Without neglecting to highlight the role of merchants in the transactions of lucrative Western spices and metals, which contributed to the strengthening of commercial and cultural relations between West and East. In order to understand the factors that made possible the commercial primacy of Venice, the works “Venice, a marine republic”,

by Frederic Lane, “Imperial Venice (1380-1580)” by D. S. Chambers and “City of Fortune – How Venice ruled the seas” by Roger Crowley, are left in the present work.

Keywords: Venice; middle age; venetian trade; economy of Venice.

Introdução

As trocas comerciais foram fundamentais para que ao longo dos séculos regiões diferentes do globo conseguissem ter acesso a recursos ou produtos não fabricados em sua localidade. Constituindo como atividade que facilitou as interações entre povos de culturas diferentes e promoveu a oportunidade de determinadas regiões adquirirem a sua sobrevivência e prosperidade. De fato, em algumas regiões o comércio aparece como fenômeno espontâneo e essencial para a economia, as vezes possuindo uma relevância superior à da agricultura. Foi assim em Veneza, desde o desenvolvimento da cidade a partir dos séculos V e VI.

A partir do século XI, as atividades mercantis das cidades italianas dominam o espaço mediterrânico, em especial Gênova e Veneza. Usufruindo do mar, ambiente fundamental para a continuidade e expansão das trocas comerciais, principalmente entre Ocidente e Oriente. Elas alcançaram sucesso nos seus empreendimentos mercantis e navais, obtendo uma prosperidade fundamentada no poder marítimo como principal elemento na acumulação de riquezas.

Ao contrário do que ocorreu na maior parte da Europa Ocidental durante o período medieval, as Repúblicas de Gênova e Veneza possuíram o comércio como principal atividade econômica e não a agricultura. Utilizando o seu poder naval como recurso necessário para manutenção das suas atividades econômicas, proteção contra o ataque de corsários e de outras nações. Durante o século XIII e XIV, a busca por mais lucros e pelo monopólio comercial no Mediterrâneo levou a guerras entre estas duas cidades, que disputaram por entrepostos comerciais e territórios relevantes para a perpetuação do seu comércio de longa distância. Entretanto, Veneza adquire sua proeminência comercial no Mediterrâneo Oriental e expande seu império após a sua quarta guerra contra Gênova, em 1381.

O objetivo da pesquisa é compreender através da historiografia o comércio de Veneza ao longo dos séculos XIII e XV, aprofundando-se no estudo da sua proeminência comercial a partir do ano de 1381 até 1453. O trabalho analisa as estratégias realizadas pelos venezianos para atingir a sua prosperidade comercial no final do século XIV e primeira metade do século XV. Sendo essencial para o estudo a investigação do impacto de Veneza nos territórios conquistados e o papel destas colônias no sucesso comercial da República, as guerras realizadas contra Gênova e a relevância dos mercadores venezianos no tráfico entre Oriente e Ocidente. Além disso, o trabalho investiga o papel da cidade de Veneza como grande polo mercantil europeu.

O estudo analisa o comércio veneziano durante os séculos XIII e XV, mas sobretudo no final do século XIV, após a Guerra de Chioggia¹. Evento que marca o início da expansão do império veneziano e o domínio da Sereníssima² sob a navegação no Adriático. Além de destacar a sua proeminência no comércio de especiarias do Mediterrâneo Oriental. A data escolhida para finalização deste recorte temporal é 1453, devido a conquista de Constantinopla pelos Turcos, cidade que possuía fortes ligações culturais e econômicas com Veneza.

A análise do comércio de Veneza é relevante no que confere a importância da cidade como polo comercial europeu durante os séculos XIV e XV, bem como um dos principais portos do Mediterrâneo. Destacando a cidade como centro de um extenso império da primeira metade do século XV, a influência exercida por Veneza nos territórios conquistados e no tráfico no Mediterrâneo. O estudo sobre o comércio veneziano ajuda na compreensão das estratégias realizadas pela República para atingir a sua prosperidade financeira, além do seu protagonismo nas interações realizadas com o Oriente. De fato, a influência veneziana na obtenção de produtos como as especiarias, algodão, grãos, sedas e manufaturas vindas de territórios do Oriente ao longo dos séculos, influenciou profundamente a economia e política da Europa Ocidental.

As principais obras estudadas para atingir os objetivos assinalados são: “Venice, a maritime Republic” de Frederic Lane, “Veneza Imperial (1380-1580)” de D. S. Chambers e “City of Fortune – How Venice ruled the seas” de Roger Crowley. Além destas, foi indispensável a contribuição de obras como o “O outono na idade média ou primavera dos novos tempos?” de Phillipe Wolf e “História econômica e social da idade média” de Henri Pirenne.

Considerações sobre o comércio de Veneza

O Mar Adriático está localizado entre duas penínsulas europeias, a Balcânica a leste e a Itálica ao norte e oeste. Ao norte deste mar, existe o local onde o Rio Pó desagua, trazendo o material aluvial dos alpes e formando uma região caracterizada por pântanos e lagunas. É sob estas condições que a cidade de Veneza se desenvolve entre os séculos V e VI d.C.

¹ Chioggia é uma Ilha localizada ao sul de Veneza. Durante a Guerra de Chioggia, os genoveses conquistam a ilha, ameaçando o centro de poder da República de Veneza.

² Era comum se referir a Veneza como “Sereníssima República”.

As condições originais da geografia da laguna tiveram um papel fundamental no desenvolvimento econômico dos primeiros habitantes de Veneza, nos séculos V e VI. Segundo Frederic Lane, o oficial romano Cassiodorus, em 523 d.C. relata a respeito da vida da população das ilhotas. O oficial descreve como a pesca era a principal fonte de subsistência desta sociedade no século VI (LANE, 1973). Sem terras cultiváveis suficientes para a agricultura, é por meio do comércio de peixe e da produção de sal, abundantes em Veneza, que a região vai se desenvolver de forma original.

As migrações de refugiados, realizadas principalmente a partir o século VI, em consequência das invasões de povos germânicos vão afetar o crescimento da cidade. Buscando uma maior proteção contra os ataques vindos do continente, as ilhas de Veneza têm um aumento populacional a partir da chegada dos Lombardas em 568 D.C.: “The Lombard invasion of Italy in 568 A.D. started a migration of refugees from the mainland cities and altered the social structure of Venetians” (LANE, 1973, p.4). O deslocamento de refugiados para a laguna trouxe conhecimento e riqueza de outras regiões para as ilhotas. Porém, com o crescimento do número de habitantes, ocorre uma maior necessidade de gêneros agrícolas para abastecer a população local. Como forma de garantir o abastecimento de trigo, vinho e madeira encontrados em outras partes da Península Itálica e Balcânica, os venezianos trocam o peixe e o sal produzido em abundância, dessa forma se inicia uma cultura de valorização do comércio, como elemento necessário para sobrevivência e enriquecimento local.

Veneza se torna parte dos domínios do Império Bizantino após as conquistas de Imperador Justiniano I (535 a 562 d.C.), permanecendo sob o domínio formal de Bizâncio mesmo após 751, quando os Lombardos conquistam Ravena, centro real e simbólico da ocupação bizantina na Península Itálica. A ligação com o Império permitiu a independência contra os Lombardos e posteriormente contra os Francos. Além da contribuição militar, é possível afirmar que as relações com o Império Bizantino tiveram um papel essencial no desenvolvimento comercial da Sereníssima República, uma vez que após o século VIII, quando os mulçumanos conquistam as regiões da Espanha, Norte da África e Síria, o comércio entre Constantinopla e Veneza se torna fundamental para levar muitos produtos vindos do Oriente para o Ocidente. Segundo Frederic Lane:

The rivalry of the bizantine and arab traders added to the importance of Venice as a byzantine outlet to western europe, especially after the Saracens in the ninth century conquered Sicily and the heel and toe of Italy. More than ever, Venice was Europe’s portal opening on the Levant (LANE, 1973, p.5).

Entre os séculos VIII e IX a Europa Ocidental tem uma regressão no comércio, tornando-se uma região predominantemente agrícola e conseqüentemente diminuindo as suas transações com o Oriente. Veneza por sua vez, mantém constantes relações mercantis com Constantinopla, permanecendo sob a órbita de influência bizantina. É possível afirmar que a manutenção destas relações foi fundamental para o desenvolvimento econômico da cidade. Através dos mares, o comércio entre as cidades gregas e Rialto³ se intensifica, de forma que os mercadores venezianos enriqueciam. Segundo Pirenne:

A navegação marítima continuava fomentando um comércio importante e abastecia cidades povoadas por artesãos e mercadores profissionais. Não se pode imaginar um contraste mais patente do que existia entre a Europa Ocidental, em que a terra era tudo e o comércio era nada, e Veneza, cidade sem terra e que vivia unicamente de seu comércio. (PIRENNE, 2009, p. 22).

No século XI, Constantinopla era a maior cidade da bacia do Mediterrâneo, contando com uma população de aproximadamente meio milhão de habitantes. Ela estava localizada em um ponto estratégico, ligando o mar Negro ao Mediterrâneo e entre dois continentes, Europa e Ásia. Estas vantagens permitiam um constante fluxo de mercadorias e pessoas, que somada a suas valiosas manufaturas, tornavam a cidade prospera. Veneza acaba se beneficiando das suas relações com a capital do Império Bizantino, tornando-se vital para o abastecimento dela a partir do século VIII. As galés venezianas transportavam para Constantinopla o sal produzido nas lagunas, vinho e trigo de outras regiões da Península Itálica, madeiras da Dalmácia e mesmo com as proibições do papa e do imperador, os venezianos levavam escravos vindos das margens do mar Adriático.

Mesmo após a independência de Veneza do Império Bizantino, é mantida relações diplomáticas que permitem a garantia de benefícios comerciais para a República em troca de ajuda militar aos bizantinos. Durante as invasões Normandas, no século XI, a frota naval veneziana contribuía na defesa dos domínios de Constantinopla, e assim mantinham seus privilégios como a liberação de tarifas pagas pelo restante da população. É possível identificar as bases da primazia mercantil veneziana a partir destas vantagens oferecidas a Veneza pelo Império Bizantino. A respeito das permissões dos mercadores venezianos em Bizâncio, Guglielmo Cavallo destaca:

³ Rialto foi durante séculos uma área central de Veneza. Sendo o centro financeiro e comercial da cidade durante toda a idade média.

Aleixo (imperador bizantino) dirigiu-se a Veneza, obtendo auxílio de sua frota; em contrapartida deu aos venezianos privilégios sem precedentes: o direito de comercializar livremente em todo o território do império, incluindo a área econômica de Constantinopla, com seus armazéns e os seus embarcadouros, e com o direito de abrir estabelecimentos próprios. Além disso, os venezianos obtiveram isenção dos 10% de impostos que os mercadores bizantinos tinham de pagar ao Estado pelo transporte e venda de mercadorias. (CAVALLO, 1998, p.60).

O poder militar e comercial de Veneza é poderoso o suficiente para que no início do século XIII, a República atue em conjunto do papado, na Quarta Cruzada (1204), em direção às cidades de Zara e Constantinopla. A Sereníssima contribuiu no saque da capital do Império Bizantino, levando relíquias e obras de arte da cidade para Veneza, além de buscar o monopólio comercial do recém fundado Império Latino de Constantinopla⁴. Evidenciando a importância econômica da conquista deste ponto estratégico comercialmente.

Constantinopla é recuperada como parte do Império Bizantino em 1261, e mesmo após o saque, permanece como um local populoso e de manufatura desenvolvida. Entre os séculos XIII e XV, as galés venezianas não perdem o seu papel no abastecimento da capital bizantina de produtos da Europa Ocidental e de outras partes da România⁵, conservando as interações culturais e comerciais realizadas anteriormente.

O desenvolvimento da frota naval de Veneza, foi essencial para o estabelecimento das bases da sua primazia mercantil no Mediterrâneo. Uma vez que o comércio entre portos mediterrânicos, seria impossibilitado sem a proteção das armas, as galés ofereciam não apenas a realização de negócios como também a segurança militar. Devido a pirataria generalizada, a navegação pelo Mediterrâneo necessitava do acompanhamento das esquadras. Veneza aprimora a sua frota, tornando-se uma das mais poderosas desde o século XIII.

Além dos mercadores venezianos obterem suas fortunas por meio do comércio de produtos vindos do Oriente para Ocidente, as transações mercantis entre as regiões orientais do Mediterrâneo contavam com o suporte marítimo de Veneza. A poderosa esquadra da Sereníssima oferecia proteção e transporte de mercadorias para diferentes zonas acessadas pelo mar. Os principais espaços de trocas dos venezianos entre os séculos XII e XIV, estavam na

⁴ O Império Latino de Constantinopla foi um Estado Cruzado fundado após a Quarta Cruzada, no território do Império Bizantino conquistado pelos cruzados.

⁵ Os territórios pertencentes ao Império Bizantino eram chamados pelos bizantinos e venezianos de România.

România (de influência bizantina), a região do Levante e o Norte da África, em especial, no delta do Rio Nilo, no porto de Alexandria.

Através da România, os venezianos conseguiam obter vinho, mel e seda, adquirindo também por meio do mar Negro, madeira, peles e escravos (mesmo após as proibições do papa), que eram vendidos em Constantinopla e em outros portos do Mediterrâneo.

No século XIII, os portos do Egito eram os maiores mercados consumidores de metais, madeira e escravos, tornando-se uma zona atrativa para os mercadores ocidentais das cidades “italianas”. Os venezianos aproveitaram-se deste grande polo consumidor para realizar o comércio, garantindo mercadorias como o trigo, alume e especiarias⁶, vendidos principalmente em Alexandria. Porém, o forte controle do sultão e os ventos que dificultavam a navegação em determinadas estações do ano, tornavam o comércio na região mais dificultoso quando comparado a outros portos orientais entre os séculos XI e XIII.

A cidade do Acre, no Levante, se tornou um importante polo mercantil para os mercadores venezianos após o século XII. Neste ponto os europeus poderiam obter produtos como canela, pimenta, cravo, noz moscada e gengibre. Mercadorias que vinham de caravanas, trazendo especiarias da Índia, do extremo Oriente ou da região do Levante. A respeito da interação dos venezianos em Acre, Frederic Lane destaca:

At Acre the Venetians could feel quite at home. In return for their help to the cruzades after celebrated naval victory os Ascalon, the Venetians had complete control of na entire section in Acre and also in nearby Tyre. Here was everything necessary to enable them to live in community apart; their own church, their consulate or governamental center, their warehouse, their own special oven, bathhouse and slughterhouse, and perhabs also grinding mills reserved for their use. In addition, there were many Venetian palaces or private homes...(LANE, 1973, p. 72).

Além da venda de produtos vindos do Oriente, Veneza buscou garantir o seu predomínio do comércio europeu através do monopólio comercial no mar Adriático. O poder naval da Sereníssima foi utilizado para regular o comércio de sal e grãos, importantes produtos para a economia da cidade.

A produção de sal na laguna tornava possível o abastecimento das regiões vizinhas. É essencial destacar que a sua posição dominante nos negócios de sal no Adriático, é adquirida

⁶ Durante a idade média as especiarias eram extremamente valiosas na Europa Ocidental. Eram utilizadas na culinária, medicina, em fragrâncias e cosméticos.

por meio do poder de sua frota e da sua relevância como grande mercado europeu. Como ocorreu em 1238, quando Veneza realizou um acordo com Ravenna (cidade concorrente no comércio de sal) para que exportasse grãos e sal apenas para a Sereníssima República. Assim, a produção nas lagunas, aliado a compra em outros locais e sua relevância como importante mercado, tornaram possível grandes lucros aos mercadores venezianos com o comércio deste produto.

É essencial destacar que a partir do século XIII, Veneza se tornou um dos principais polos mercantis da Europa. O constante fluxo de mercadorias orientais, a produção de sal e manufaturados, o poder naval veneziano e a população relativamente grande para uma cidade europeia do período, tornavam possível a constante atração de mercadores europeus para Rialto, em especial, os germânicos. Segundo Braudel:

Veneza criou até, para os mercadores alemães, um ponto obrigatório de reunião e de segregação, O Fondaco dei Tedeshi, em frente à ponte de Rialto, no seu centro de negócios. Era lá que todos os mercadores alemães tinham de depositar as suas mercadorias, morar num dos quartos previstos para esse fim, vender sob controle rigoroso dos agentes da Signoria e reutilizar o dinheiro de suas vendas em mercadorias venezianas. (BRAUDEL, 1986, p. 109).

O ambiente de constantes negociações em Rialto torna possível a construção de uma cultura interligada ao comércio. Os mercadores, grupo valorizado na sociedade veneziana e que assumia altas posições de poder no Estado, buscavam o aprimoramento de técnicas de negociação e diplomacia, bem como um maior grau de educação quando comparado aos habitantes mais ricos de outras cidades europeias do século XIII.

Guerras veneziano genovesas

Antes de Veneza alcançar a sua primazia comercial a partir do final do século XIV, a cidade se envolve em uma série de disputas com a República Gênova. O que além de dificultar a predominância mercantil da Sereníssima no Mediterrâneo, é motivo de diversos gastos militares em guerras contra Gênova, afim de manter as bases estratégicas no mar Mediterrâneo e Negro, que eram essenciais para o suporte do comércio com o Oriente. Os prejuízos causados pelas guerras e a concorrência dificultavam o estabelecimento do predomínio veneziano no

comércio com o Oriente, que segundo D. S. Chambers, tem o seu início em 1381, após a quarta guerra veneziano genovesa.

Gênova, nos séculos XIII e XIV, assim como Veneza, era uma “República Marítima”⁷ fortemente ligada ao comércio. Com fácil acesso ao vale do rio Pó e aos mercados de Milão, proximidade com a França e banhada pelo mar Mediterrâneo, a cidade desenvolve-se economicamente por meio das trocas mercantis. A sua expansão econômica ocorre principalmente após o seu apoio nas primeiras cruzadas, quando os mercadores genoveses adquirem vantagens no comércio do Levante, a partir do século XI, e assim competindo com Veneza pelo predomínio mercantil no Mediterrâneo.

A pirataria era uma prática comum entre genoveses e venezianos desde os séculos XI, o que contribuía para tornar o clima tenso entre as repúblicas. Porém, os conflitos entre as cidades têm a sua intensificação nos séculos XIII e XIV, quando Gênova e Veneza travam guerras sangrentas buscando o monopólio comercial no mar Negro, região do Levante e Constantinopla. As repúblicas mercantis realizavam ataques a colônias da outra, com o objetivo de garantir pontos estratégicos e necessários para a navegação de cabotagem, essencial para a realização do comércio entre Oriente e Ocidente. A rivalidade entre elas refletia no cotidiano dos venezianos e genoveses que residiam em bairros de cidades relevantes para os mercadores ocidentais, como Acre e Constantinopla.

Com a conquista de Constantinopla na quarta cruzada, em 1204, Veneza estabelece o seu domínio sob parte do Império Bizantino, tornando-se além de um Estado de mercadores, um Império colonial. Como consequência da posição dominante da Sereníssima República no comércio com a România, a pirataria praticada com frequência entre as repúblicas marítimas, tem seu aumento no século XIII. Dessa forma, os corsários genoveses intensificam os seus ataques as galés venezianas, a fim de garantir uma parte dos lucros que os mercadores venezianos adquiriam com o comércio da România. A respeito dos conflitos entre Gênova e Veneza, Rorger Crowley afirma:

Genoese pirates methodically began to plunder Venetian merchant fleets as an alternative form of war. The great wave of prosperity that Venice experienced in the half century after 1204 intensified profound jealousy elsewhere in the Mediterranean.

⁷ É possível considerar como república marítima algumas cidades italianas com independência política e grande fluxo de comércio realizado pelo mar. São elas: Gênova, Amalfi, Veneza e Pisa. Que durante o século X e XIII foram extremamente relevantes para as atividades comerciais do Mediterrâneo.

It exploded into open warfare in the Crusader port of Acre on the shores of Syria. (CROWLEY, 2011, p. 160).

A hostilidade entre os venezianos e genoveses era comum nas cidades que constantemente recebiam estes mercadores, de forma tão intensa que eventos políticos ou brigas pessoais entre os habitantes poderiam acabar gerando ondas de assassinatos. Em Acre⁸, existiam bairros de genoveses e venezianos, que competiam pelo comércio realizado com o mundo islâmico. O primeiro conflito em larga escala entre as duas Repúblicas se inicia nesta cidade. Por volta de 1251, um genovês é assassinado por um veneziano na cidade, o que leva a uma multidão de genoveses a atacarem o bairro de Veneza, massacrando seus habitantes. Após o conflito uma série de batalhas navais ocorrem entre as duas Repúblicas a partir de 1256, dando início a primeira guerra veneziano genovesa.

Em 1261, Constantinopla é reconquistada pelo Império Bizantino, dando fim ao Império Latino de Constantinopla. Para a realização desse domínio os genoveses haviam realizado acordos com os bizantinos de forma a contribuir com a reconquista da cidade. Como retribuição, Gênova recebe acesso livre ao mar Negro, bem como o direito de assentamento em um território no subúrbio da capital do Império Bizantino, na outra margem do Chifre de Ouro⁹, a colônia conhecida como Gálata. Estas transformações políticas e econômicas realizadas em uma área estratégica para o comércio, preocupa os venezianos, que desde o século XI possuíam privilégios na capital bizantina.

Apesar dos conflitos entre venezianos e bizantinos; em 1268, Veneza obtém acesso ao mar Negro e direito de comércio em Constantinopla, e assim retomando suas atividades mercantis na capital bizantina. No ano de 1270, com o fim da primeira guerra entre as duas Repúblicas, Veneza perde alguns territórios, mas permanece como detentora de Modon-Coron, Negroponte e da ilha de Creta, bases do seu império colonial, que constituíam como elementos fundamentais para o seu comércio com o Oriente. Depois da primeira guerra, outros três grandes conflitos ocorreram entre as Repúblicas de Gênova e Veneza, nos séculos XIII e XIV. Batalhas que se estendem até 1381, com a Guerra de Chioggia.

Após a conquista da importante cidade de Acre pelos mulçumanos em 1291. As trocas mercantis dos mercadores ocidentais com o Oriente são afetadas, uma vez que o papa proíbe o

⁸ Acre havia sido conquistada pelos cristãos ocidentais desde o século XII, fazendo parte do Reino de Jerusalém até 1291. Após a primeira cruzada, muitos genoveses, venezianos e francos haviam se estabelecido na cidade. Entre os séculos XII e XIII o porto de Acre foi um dos mais importantes do Mediterrâneo Oriental.

⁹ O Cifre de Ouro ou Corno de Ouro era o nome de um estuário em Constantinopla. Constituído-se como a transição do rio com o mar de Mármara. Oferecia um porto natural para a capital bizantina.

comércio com o mundo islâmico. Mesmo com as transformações, é importante destacar que a conquista da cidade não significava o fim do comércio ocidental com o Oriente. Como solução novas zonas são exploradas comercialmente com mais intensidade após 1291. Em especial, o mar Negro. Segundo Roger Crowley: “For fifty years—from the 1290s until 1345—the emporia of the Black Sea became the warehouse of the world. Both Venice and Genoa realized instantly what was at stake. Genoa was intent on maintaining a monopoly; Venice, on finding a way in” (CROWLEY, 2011, p. 179).

As mudanças em pontos estratégicos para os mercadores no final do século XIII, tiveram como consequência o aumento das disputas entre Gênova e Veneza pelas bases estratégicas nos mares. A segunda guerra veneziana genovesa se inicia em 1294, quando a Sereníssima utiliza seu poder naval para conquistar possessões genovesas em Chipre. Após as notícias do conflito da ilha chegarem a Constantinopla, a rivalidade entre os habitantes das repúblicas é demonstrada pelo massacre realizado pelos genoveses a uma grande quantidade de mercadores venezianos da cidade.

É importante destacar que o segundo grande conflito entre Gênova e Veneza tem como uma das principais características, o enorme poder naval empregado na disputa, como consequência da situação econômica e militar das duas potências mediterrânicas no século XIII. Gênova, em especial, investe pesadamente na sua frota. Chegando a despachar cerca de cento e noventa e cinco galés e trinta e cinco mil homens contra os venezianos. Em Curzola, no litoral do Mar Adriático, de noventa e cinco galés venezianas apenas doze “sobrevivem” a batalha contra os genoveses.

A guerra chega ao seu fim em 1299, por meio do tratado de “paz eterna” entre as duas cidades. Com o termo de paz, foi reconhecido pelas duas repúblicas a primazia de Gênova sob a Riviera e o reconhecimento do controle de Veneza sob o mar Adriático. Através do tratado é permitido aos genoveses o acesso a este mar para comercializar em Veneza. O que garante o domínio da Sereníssima na região do Adriático, bem como demonstra a sua imposição como polo mercantil no século XIV.

A relação de Veneza com os bizantinos começa a mudar no século XIV, contrariando a posição dominante de Gênova no comércio em Constantinopla. Segundo Lane

This dominant position of the genoese was chaledged more and more seriously bu the venetians after 1324 when Venice abandoned hope of restoring a latin empire in

Constantinople and sought the friendship by Bizantine emperors (LANE, 1973, p. 174).

A boa relação com Constantinopla, uma cidade relativamente populosa e localizada em uma região estratégica, era importante para a manutenção dos lucros venezianos. Assim como o acesso ao mar Negro, local de aquisição de mercadorias orientais e grãos para a República. E assim, as disputas entre as duas cidades permanecem tendo como pano de fundo a tentativa de manutenção de postos estratégicos em áreas como esta.

A terceira guerra veneziano genovesa se inicia em 1350, no mar Negro. Quando os genoveses permitem os venezianos comercializarem em Kaffa (colônia genovesa) depois dos ataques de poderes locais contra Tana¹⁰ (colônia veneziana), os mercadores da Sereníssima realizam um acordo com sua república rival. Porém, após alguns anos, os mercadores de Veneza acreditam ser mais vantajoso a realização de viagens através de Tana, o que foi considerado por Gênova como uma quebra de acordo. O ambiente de competição no mar Negro contribui para o início do terceiro grande conflito entre as duas repúblicas, que chega ao fim em 1355.

É importante destacar que a terceira guerra marca a diminuição da relevância naval, e consequentemente comercial da República de Pisa¹¹, no Mediterrâneo. Uma vez que ela participa do conflito contra os genoveses e é derrotada. Estrategicamente, é possível dizer que a derrota de Pisa evidenciou ainda mais o poderio econômico e militar de Gênova e Veneza sob o Mediterrâneo.

Como visto anteriormente, o domínio sob bases estratégicas nos mares, em áreas estratégicas para a manutenção do fluxo de mercadorias era prática comum entre genoveses e venezianos. Com o objetivo de garantir suporte para os navios e manter o acesso a regiões importantes comercialmente, visto que era essencial assegurar a proteção naval contra corsários. A quarta guerra de Veneza contra Gênova tem início a partir da disputa da ilha de Tenedos, localizada no mar Egeu e próxima ao Bósforo. Para as potências navais, a posse desta ilha garantia a manutenção do transporte até Constantinopla e mar Negro. Após os conflitos envolvendo a ilha grega, rapidamente é iniciada a guerra conhecida como Guerra de Chioggia,

¹⁰ “At Tana a small core of resident Venetian merchants established themselves to manage the hinterland trade across the Russian steppes and the luxury exchanges with the distant East” (CROWLEY, 2011, p. 184).

¹¹ A República de Pisa era uma das principais repúblicas marítimas italianas, entre os séculos X e XIII. Desempenhava grande importância nas atividades comerciais no Mediterrâneo, principalmente a partir do século XI. Entretanto, com a rivalidade entre Pisa e Gênova se intensificando no século XIII, ocorre o início das dificuldades econômicas da primeira, após a batalha naval de Meloria, em 1284. Com a República de Pisa participando ativamente da terceira grande guerra veneziano-genovesa, a cidade acaba perdendo sua influência comercial no Mediterrâneo.

em 1378. Novamente os navios genoveses e venezianos entravam em batalhas por todo o Mediterrâneo.

Quando os genoveses conseguem conquistar a ilha de Chioggia, próxima a Veneza. A sobrevivência da República é ameaçada, devido à proximidade que o conflito ocorre do centro do poder veneziano. A respeito da quarta guerra, Frederic Lane diz:

This Fourth Genoese War proved to be the most severe test of the cohesion of Venetian society and of the strength of its republican institutions. Partly this was because the plague and the technical and economic changes already described had decimated and demoralized Venetian seamen (LANE, 1973, p. 189).

Quando em 1380, os venezianos tomam posse da ilha novamente, o pior já havia passado para a cidade. No ano seguinte, as frotas da Sereníssima mantiveram-se ocupadas recuperando o seu poderio sob o mar Adriático. A paz entre as duas repúblicas é somente estabelecida em 1381, com o Tratado de Turim. Marcando o fim do quarto grande conflito entre Gênova e Veneza.

Com o fim da guerra em 1381, Veneza estava extremamente enfraquecida. Com dois anos de comércio bloqueado, uma frota naval destruída, o tesouro esvaziado e a diminuição da supremacia no Adriático, a cidade possuía vários motivos para entrar em decadência.

Apesar das dificuldades enfrentadas no século XIV, Veneza estabelece a partir do final deste século, uma grande expansão dos seus territórios coloniais, o que significava a garantia de produtos monopolizados pela metrópole, rendimentos vindos de imposto e bases para a sua navegação ao longo do Mediterrâneo. Que conjuntamente com a diminuição da concorrência genovesa em Alexandria e a manutenção da cidade como polo atrativo comercialmente, acaba contribuindo para a sua prosperidade econômica, principalmente nas primeiras décadas do século XV.

As colônias de Veneza

A necessidade de Veneza possuir bons portos e ancoradouros para as práticas de cabotagem ao longo do Mediterrâneo, leva a República a tentativas de conquista de alguns

portos no Adriático desde o século XI. Iniciando a expansão do *Stato da Mar*¹², as possessões ultramarinas de Veneza. Uma vez que a navegação de Constantinopla, Acre ou Alexandria até Rialto era de longa distância, a garantia de bases para fornecer proteção e suporte para o transporte das galés mercantis, era de grande importância.

É após a conquista de Constantinopla na quarta cruzada (1204), que Veneza estabelece o seu domínio sob três oitavos do Império Bizantino, tornando-se uma potência colonial. Depois de 1204, a Sereníssima adquire o controle de regiões importantes da Romênia, como Corfu, as ilhas Jônicas, parte de Constantinopla, entre outras ilhas dispersadas ao longo do Mar Egeu. Em 1205, os venezianos anexam a importante ilha de Creta como parte do seu império, que conjuntamente com Codon, Modon e Negroponte, tornaram-se as bases estratégicas do seu *Stato da Mar*. Sobre a relevância das possessões ultramarinas de Veneza, Roger Crowley diz:

The *Stato da Mar* allowed the Venetians to ensure the security of their merchant convoys, and it protected them from the whims of foreign potentates and the jealousy of maritime rivals. Crucially, the treaty afforded full control of trade within the center of the eastern Mediterranean (CROWLEY, 2011, p. 140).

O porto veneziano de Modon¹³, localizado no Peloponeso e considerado como receptáculo de todos os navios e embarcações vindos do Levante, era um exemplo da lucratividade que Veneza possuía com a manutenção de suas bases no Mediterrâneo. Constituindo como elemento de conservação do comércio de longa distância. Em Modon, os navios poderiam consertar um mastro ou substituir uma âncora, obter água e alimentos, bem como vender ou comprar mercadorias vindas de diferentes portos.

A ilha de Creta, é adquirida pelos venezianos no século XIII e vai fazer parte do *Stato da Mar* até o século XVI. Ela é a maior ilha do mar Egeu e está localizada no caminho de Rialto até Constantinopla, o que oferecia um ponto estratégico para as transações mercantis. Além da sua relevância como base de apoio, os venezianos obtinham em Creta vinho e grãos, produzidos na ilha. A respeito do papel desta colônia para Veneza, Roger Crowley afirma:

¹² *Stato da mar* era como os venezianos chamavam as suas possessões ultramarinas ao longo do Mediterrâneo. Estes territórios eram colônias cujo o comércio era monopolizado por Veneza. Em sua maioria, as colônias do *Stato da mar* se constituíam como ilhas ou parte de ilhas ao longo do Mar Egeu e Adriático ou portos e territórios litorâneos que ofereciam suporte para o tráfico de longa distância realizado pela Sereníssima.

¹³ “Modon and Coron were the turntables of the Venetian sea. From here, one route headed east. Galleys could tip the spiked fingers of the Peloponnese, drifting past the ominous headland of Cape Matapan, once the entrance to the underworld, and head for Negroponte, on the way to Constantinople. The other, more essential trunk route led south via the barren stepping-stone islands of Cerigo and Cerigotto to Crete—hub of the Venetian system” (CROWLEY, 2011, p. 144).

The island was at the crossroads of the Republic's two great trading routes—those that led to Constantinople and the Black Sea, and those that went on to the spice markets of Syria and Egypt. It was the back station for supplying the Crusader ports of the Holy Land; the place for warehousing and transshipping goods; for repairing and reprovisioning the merchant galleys; for naval operations throughout the Aegean in times of war. Groggy pilgrims bound for the Holy Land stepped ashore here for a brief respite from the sea. Merchants resold silk and pepper, dodging the intermittent papal bans imposed on trading with the infidel. (CROWLEY, 2011, p. 147).

É importante destacar que no século XIII, os venezianos não buscavam estabelecer grandes Estados feudais no interior das terras conquistadas, como os cruzados francos faziam. Ao invés disso, Veneza priorizava a manutenção do poder em ilhas ou portos estratégicos comercialmente, possuindo um controle estatal relativamente flexível sob estas colônias. Entretanto, no caso de Creta, devido a localização, extensão territorial e a quantidade de revoltas realizadas na ilha, a Sereníssima República mantinha uma autoridade rígida, principalmente sob as cidades litorâneas. Este domínio colonial aliado a cobrança de impostos tinha como consequência o empobrecimento e opressão da população da ilha.

O método de aquisição de novas colônias por Veneza consistia na diplomacia, largamente utilizada pela república e na utilização de sua força militar. A prosperidade da Sereníssima após 1381, permitia que a aquisição de territórios através da compra e herança aumentassem exponencialmente. O ambiente de crescimento do *Stato da mar* no século XIV, era intensificado pela pressão militar exercida pelos genoveses e Otomanos, o que contribuía para que algumas cidades cedessem ou aceitassem com facilidade o domínio veneziano e consequentemente, Veneza adquiria muitas bases ao longo do Mediterrâneo.

Com a expansão do império Otomano, principalmente a partir do século XIV, imigrantes vindos de terras ocupadas pelos Turcos buscavam segurança nos territórios ultramarinos venezianos e na própria Veneza, o que refletia no aumento populacional destas regiões. Em alguns casos, os habitantes de cidades e ilhas no mar Egeu viam o domínio veneziano como uma alternativa de proteção contra as invasões dos Turcos. Como consequência da conquista Otomana, D. S. Chambers diz: “Míconos e Tinos são herdadas pela república, aparentemente com a aprovação clamorosa dos habitantes, em 1390” (CHAMBERS, 1972, p. 44). É importante destacar que Míconos e Tinos são ilhas do mar Egeu que ofereciam para a República suporte a suas viagens, que assim como outros territórios gregos, buscavam por meio de Veneza, uma proteção contra os Otomanos, entre os séculos XIV e XV.

Com a expansão ultramarina de Veneza, a cidade é abastecida com produtos encontrados em regiões distantes da laguna, através da exploração das colônias. É possível dizer que o domínio colonial esteve conectado a primazia mercantil da República, entre os séculos XIV e XV. Visto que a manutenção de territórios como o de Creta e Modon, ofereciam suporte aos navios que vinham de Alexandria ou Constantinopla, além da contribuição por meio do abastecimento de produtos como grãos e vinhos para a cidade de Veneza, segundo D. S. Chambers: “Que os venezianos exploraram os seus domínios, do ponto de vista econômico, mal se pode negar; o império, como dissemos, era essencialmente uma empresa comercial. O excedente da produção agrícola só podia ser exportado para ou através da metrópole” (CHAMBERS, 1972, p. 52).

Em 1386, Veneza adquire novamente a posse da ilha de Corfu, por meio da compra. A aquisição deste local permitiu que a República obtivesse o controle de um ponto estratégico de navegação entre a península Itálica e a Grécia. Com o controle de Corfu, e posteriormente do porto de Durazzo, rico em madeira, Veneza consegue ter um maior domínio sob a navegação no mar Adriático. Além de obter matéria-prima, mão de obra e mais pontos de apoio para a sua navegação de longa distância.

Na Veneza da segunda metade do século XIV, ocorre um aumento da necessidade de fornecimento de comida e madeira para a cidade, em consequência do crescimento populacional e da expansão das manufaturas. No entanto, o abastecimento de Veneza de produtos vindos de outras partes do continente europeu dependia de rotas que passavam por grandes cidades do norte da Itália, como Milão e Verona, que eram centros importantes para o comércio continental da laguna, a partir das quais eles podiam acessar o norte da Europa.

Foram realizados pela República acordos comerciais que permitiam a chegada de produtos continentais a Rialto. Porém, no final do século XIV, essas relações diplomáticas se deterioraram quando famílias como os Scaligeri em Verona, Carraresi em Pádua, e os Sforza em Milão, começaram a conquistar terras em regiões próximas a laguna. Como consequência desta ameaça à soberania de Veneza, o comércio entre Rialto e o continente europeu é dificultado e até mesmo deteriorado conscientemente.

Com a maior dificuldade de transações mercantis entre o continente e Veneza no final do século XIV, a cidade inicia uma campanha de conquista territorial sob as regiões próximas a laguna, no norte da Itália. É importante destacar que a República dependia de matérias primas

encontradas no continente, como a madeira encontrada no norte da Itália e os metais comercializados pelos germânicos.

Em 1400, o Doge¹⁴ Michele Steno inicia atividades militares contra alguns Estados próximos a laguna. Os Doges posteriores, Tommasco Mocenigo e Francesco Foscari mantem a defesa de uma política de expansão colonial de Veneza no continente. Levando a Sereníssima a dominar em 1423, uma região que ia dos montes de Verona até os Alpes Julianos. O poder militar e o potencial econômico de Veneza tornaram possível o domínio sob esta área que ficou conhecida como *Terraferma*¹⁵.

No século XV, a *Terraferma* ofereceu a Sereníssima o acesso a regiões que famílias patrícias¹⁶ venezianas poderiam desenvolver plantações, contribuindo para a sua prosperidade e aumentando o suprimento de alimentos para Veneza. Além disso, a *Terraferma* garantiu a República a proteção de suas rotas comerciais ao norte e aumentou enormemente seu exército terrestre, devido ao recrutamento de homens adultos em cidades italianas conquistadas. Com o aumento de seus domínios a cidade conseguiu aumentar sua receita por meio de impostos.

A respeito do poder adquirido pela cidade de São Marcos no interior da Itália, durante o século XV, Frederic Lane diz:

five centuries earlier, mainland rivers had attracted the energies of the venetians as traders. Then they had turned to the sea and the East. Now in the fifteenth century, they were returning to the mainland, not as bargemen peddling salt and Eastern fabrics, but as rulers directing fleets and armies (LANE, 1973, p. 231).

O comércio de Veneza (1381-1453)

Desde o século VIII o comércio representava a principal atividade econômica realizada em Veneza, fazendo com que a cidade ao longo dos séculos se tornasse um grande centro mercantil. A importância das atividades comerciais para a República era tão grande que até

¹⁴ Doge era o título dado ao chefe do governo coletivo de Veneza e magistrado supremo. Era eleito através de um colégio eleitoral de nobres do grande conselho. Embora possuísse grande influência simbólica e política na República, o doge tinha poderes políticos limitados.

¹⁵ A Terraferma, era o nome dado pelos venezianos aos territórios conquistados pela República no Norte da Itália. Em sua maioria, estes territórios eram localizados interior no continente e ofereciam a República acesso a terras cultiváveis, madeira, produtos agrícolas e recrutas para o seu exército.

¹⁶ Os patrícios eram a nobreza veneziana. Esta classe podia assumir os mais altos cargos de poder político em Veneza, além de serem autorizados a realizar o comércio de longa distância.

1274 os seus cidadãos não poderiam adquirir terras, para manter o comércio como atividade de principal investimento financeiro. No final do século XIV, ocorrem transformações econômicas que afetam as atividades mercantis da cidade, contribuindo para que Veneza se mantivesse como principal mercado italiano no século XV.

Segundo D. S. Chambers, o período após 1381, representa o auge da prosperidade da cidade de Veneza. É após a Guerra de Chioggia, que a cidade de São Marcos estabelece a sua primazia mercantil medieval, destacando-se não apenas como grande polo atrativo comercialmente como também, centro de um poderoso império, que se estendia desde o interior do Norte da Itália até portos e ilhas no mar Adriático, Egeu e Mar Negro.

Veneza era uma cidade grande para a média europeia da segunda metade do século XIV e primeira metade do século XV. Porém, saber o número exato da sua população era uma tarefa complicada, uma vez que ao longo dos séculos as guerras, pragas e ciclos de prosperidade e decadência econômica afetavam o balanço populacional do local. Além disso, a ausência temporária de muitos habitantes era recorrente. Levando em conta que muitos homens constantemente estavam navegando em outros portos no Mediterrâneo, realizando serviços militares, administrativos ou comerciais. Veneza também recebia constantemente visitantes temporários, comerciantes estrangeiros atraídos pela possibilidade de fazer negócios em Rialto, peregrinos e refugiados políticos ou econômicos eram atraídos constantemente para a cidade. A respeito do fluxo de pessoas na capital do império veneziano D. S. Chambers afirma: “Este movimento dá a Veneza o aspecto de um grande um grande porto do Mediterrâneo e ao mesmo tempo, o ambiente de uma capital cosmopolita” (CHAMBERS, 1972, p. 123). Sendo assim, é possível afirmar que Veneza se torna o maior mercado da Itália no final do século XIV e primeira metade do século XV.

Entre o século XIV e XV, Veneza possuía aproximadamente uma média de um pouco mais de 100.000 habitantes, o que por si só tornava a cidade atraente para os negócios e aumentava a necessidade de abastecimento de alimentos e matérias primas para a sua indústria. Era lucrativo para um comerciante europeu negociar em Rialto, como forma de aproveitar-se da sua grande população e poder garantir de forma mais acessível as mercadorias do Oriente.

Para a chegada de mercadorias necessárias para a alimentação dos habitantes de Veneza, a República utilizava-se de seu controle comercial no *Stato da mar* para garantir o fornecimento de diversos produtos agrícolas e matéria-prima para a cidade. Colônias como Creta, por exemplo, sofriam do rígido controle colonial da Sereníssima, que permitia que apenas os navios

venezianos transportassem os produtos agrícolas, regulamentando todo o comércio. De suas possessões ultramarinas, a cidade de Veneza obtinha trigo, vinho, queijo, madeira, cera e mel, adquiridos na Dalmácia ou em ilhas gregas, como Creta e Corfu. Este controle do transporte dos excedentes agrícolas das colônias até a metrópole permitiu que a cidade se mantivesse abastecida de alimentos e com mercados atraentes para os negociantes.

Com a expansão sob a *Terraferma*, no século XV, a Sereníssima forneceu segurança ao garantir o constante fluxo de importantes produtos trazidos do continente europeu, como metais, grãos, peles e madeira, este último sendo essencial para a manutenção e expansão da frota naval da República. Os produtos das colônias e de outras regiões da Europa permitiram uma abundância de mercadorias na Veneza da primeira metade do século XV. Sobre este ponto Chambers afirma:

Comparada as outras cidades, não há dúvida de que em Veneza havia abundância de emprego, e a não ser durante os períodos de anormal esterilidade de guerra, não se conhecem notícias referentes a multidões de pedintes esfomeados. O pão, as frutas frescas e os vegetais, fornecidos aos mercadores pelas ilhas da lagoa, eram abundantes e baratos; todas as relações de viajantes insistem neste ponto. Funcionários da *Justitia vecchia*, não só inspecionavam os pesos e medidas, como fiscalizavam os preços, no interesse dos consumidores. Por vezes, havia distribuições gratuitas de trigo; (CHAMBERS, 1972, p. 128-129).

Diretamente da *Terraferma*, Veneza poderia obter alimentos e madeiras. Além de permitir que a Sereníssima mantivesse o fluxo das rotas comerciais que traziam mercadorias vindas do Norte da Itália e da Alemanha. O que evidencia a importância do comércio para a cidade, constituindo como principal fator que levou aos altos investimentos financeiros e esforços militares objetivando a conquista de importantes regiões no interior da Itália.

A conquista da região conhecida como *Terraferma*, que em 1423 ia dos montes de Verona até os Alpes Julianos, levou a República a receber os impostos e rendimentos alfandegários de uma região populosa e rica da Europa, fornecendo para Veneza o imposto de importantes cidades como Verona e Pádua. O domínio desta região continental, próxima a laguna veneziana fez com que no século XV, o rendimento líquido do Estado, relativo a *Terraferma* fosse quase duas vezes maior do que as possessões ultramarinas, conhecidas como o *Stato da mar*. A respeito do rendimento desta área Philippe Wolff diz: “É então que aparecem plenamente as vantagens que o seu contado lhe proporciona: alimentos, madeira para suas

frotas, homens para as suas tropas. Rende 306 000 ducados à Senhoria, em 1440, contra 180 000 provenientes das outras possessões ultramarinas. ” (WOLFF, 1986, p. 211).

Mesmo que os patrícios de Veneza não dependessem da conquista de territórios pelo Estado veneziano para comprar ou herdar terras, no século XV, cresce a compra destas extensões nas regiões continentais do Norte da Itália. Constantemente, estas áreas compradas ou herdadas por nobres venezianos, garantiam o fornecimento de uma produção agrícola para as famílias que residiam na cidade. No entanto, é essencial destacar que o investimento em propriedades na *Terraferma* apesar de seguro, geralmente não garantiam a lucratividade que os empreendimentos em exportações de produtos orientais ou manufaturados forneciam aos negociantes da cidade. Estes territórios possuíam um papel relevante na economia da República no que se refere aos impostos arrecadados, proteção dos fluxos de mercadorias vindas do Norte da Europa e abastecimento de produtos alimentícios e madeira para a cidade. Estes benefícios por sua vez eram fundamentais para a manutenção da principal atividade econômica da cidade, o comércio.

É preciso destacar a importância das transações mercantis realizadas pelos germânicos em Veneza entre 1381 e 1453. Desde o século XIII, o comércio terrestre com a Alemanha permitiu que os mercadores de Rialto não se tornassem extremamente dependentes da venda de produtos Orientais. Os alemães traziam minérios como o ouro, ferro, cobre, chumbo e principalmente a prata, bem como couros, tecidos de lã e linho fabricados nas cidades alemãs. Os germânicos traziam também peles, que vinham da Rússia e de outras regiões ao norte da Alemanha. Em Veneza, estes mercadores poderiam obter produtos do Levante e das ilhas gregas, como as especiarias, o vinho, açúcar, seda crua e algodão. Na cidade, era também vendido as manufaturas produzidas na laguna, como o vidro de Murano, as sedas e panos de algodão.

As relações com a clientela alemã eram tão importantes para Veneza, que segundo Henry Simonsfeld o *Fondaco dei Tedeschi*¹⁷ era o “pulmão de Veneza”. Por meio deste edifício, os mercadores alemães poderiam alojar-se e obrigatoriamente apenas comercializar os seus produtos neste local, sob o rígido controle da Sereníssima. Destacando a relevância do *Fondaco dei Tedeschi* nas trocas mercantis entre germânicos e venezianos, Philippe Wolf descreve as regulamentações deste edifício:

¹⁷ O *Fondaco dei Tedeschi* foi construído em 1228, com objetivo de alojar os germânicos que vinham para Veneza, além de regular o comércio destes mercadores na cidade.

segundo uma regulamentação minuciosa: à chegada, tinha de mostrar o seu dinheiro e as suas mercadorias (...) só podia negociar com venezianos, e o Fondaco transformava-se em um centro de cobranças alfandegárias; não podiam sair com mercadorias não vendidas, nem com numerário. Desde a chegada até a partida, era, pois, rodeado por empregados e fiscais, nem sempre isentos de fraudes. Tudo isto era aceito, não apenas em razão da importância deste tráfico, mas devido ao papel desempenhado por Veneza como “Escola superior dos mercadores da Alemanha do Sul”. (WOLFF, 1986, p. 217-218).

Diante da importância dos produtos comercializados, era de interesse de Veneza a manutenção do comércio com os germânicos, uma vez que além do abastecimento da populosa cidade, os venezianos levavam os metais vindos do Norte europeu para Alexandria, local onde adquiriam grande parte das especiarias vendidas em Veneza, no século XV. Os metais trazidos da Alemanha foram fundamentais para a realização do comércio com diferentes regiões acessadas pelo Mediterrâneo, por isso a expansão pela *Terraferma* está atrelada a busca por segurança deste fluxo comercial vindo do continente até Rialto.

No final do século XIV as rotas de comércio através do mar Negro se tornaram mais dificultosas a medida que as guerras e o banditismo se expandiam pela região. Estas mudanças bélicas no mar Negro, fazem com que o comércio de especiarias através da Síria e do Egito aumentem em importância para os mercadores ocidentais e principalmente para os venezianos. No caso de Veneza, o saque de Tana em 1395, tornou o comércio nesta região mais dificultoso. Contribuindo para que no século XV, a base veneziana no mar Negro fosse restabelecida tendo como principal relevância econômica para a Sereníssima, o comércio de escravos, peles e grãos. Diminuindo drasticamente o transporte de especiarias através das galés que saíam de Tana.

No século XV, grandes caravanas carregadas de especiarias vindas da China e Índia atravessavam a península arábica, passando por Meca e depois pelo porto de Jiddah no mar Vermelho, de onde se dirigiam para o Egito, afim de serem vendidas nos importantes mercados de Alexandria ou Damasco, na Síria.

O comércio entre Alexandria e os mercadores venezianos era intenso desde o século XIII. Estas trocas mercantis permanecem em crescente atividade no final do século XIV, principalmente após as dificuldades impostas nas viagens do mar Negro. As galés da Sereníssima traziam para Alexandria os metais germânicos, em especial a prata e o cobre, conjuntamente com tecidos vindos de Veneza, em barcos menores levavam frutas e azeite das

colônias em ilhas do Mar Egeu. Os venezianos mantinham no século XV sua posição como maiores compradores em Alexandria, adquirindo as especiarias orientais, fundamentais para o lucro dos mercadores de Rialto.

Para o sucesso das viagens realizadas de Alexandria até Veneza no século XV, as galés contavam com um extenso regulamento, possuindo leis que garantiam que apenas galés específicas transportassem as especiarias. A Sereníssima também buscava proibir o comércio de escravos mulçumanos no século XV, objetivando a manutenção das suas boas relações diplomáticas com o Egito e assim, manter os seus privilégios em Alexandria. Frederic Lane descreve o exemplo de um mercador chamado de Piero Marcello, que em 1442 vende muitos mulçumanos como escravos, o que leva a República a tomar sérias medidas:

In 1442, word reached Venice that a certain Pierro Marcello, who had a bussiness in Acre with a Syria whom he felt was not making the payment promised, enticed him on board his ship and sailed off to Beirute. There he lured tem more moslems on board for a conference, set sail again, and went to Rhodes where he sold them all as slaves. The Venetian government promptly setenced Marcello to be hanged, offered 4 000 ducats rewar for his capture alive, 2 000 dead, and despatched an impressive embassy to the soldan who was thus induced to release the venetian merchants. He had seized and affirm the venetian privileges in even more favorable terms. (LANE, 1973, p. 287)

Estas regulamentações estabelecidas pelo poder veneziano tinham como objetivo a manutenção da chegada de lucrativas especiarias para o mercado de Rialto. Para isso, a República não apenas levava produtos vindo da Europa para os portos do Oriente, como também buscava o estabelecimento de acordos diplomáticos com estas nações. É possível destacar o papel do comércio como elemento fundamental para o estabelecimento de uma economia globalizada na Veneza do final do século XIV e primeira metade do século XV, diante a variedade de mercadorias de diferentes regiões do globo, encontradas na cidade.

As colônias do *Stato da mar* ofereciam a sua contribuição no abastecimento dos navios e descanso para os marinheiros que realizavam a viagem de Alexandria até Veneza, ao longo do Mediterrâneo. A regularidade e o poder militar da frota naval veneziana garantiam a sua predominância nas viagens realizadas entre os dois portos. No século XV, com a diminuição dos investimentos dos genoveses no transporte de especiarias do Levante, uma vez que direcionavam seus investimentos em Portugal e na Espanha, os venezianos se aproveitam da menor concorrência para se estabelecerem como maiores compradores de especiarias em

Alexandria e na Síria. Segundo Frederic Lane estes fatores permitem o predomínio veneziano no comércio de especiarias do século XV.

Em consequência da facilidade de adquirir as especiarias pelos venezianos do século XV, ocorre um período de mudanças no preço destes produtos, principalmente da pimenta. Em 1420, o preço da pimenta chega a cair 50% no mercado de Rialto, e em 1440 permanece com o mesmo valor das décadas anteriores. Consequentemente, Veneza permanece como cidade atraente para muitos mercadores europeus, de diferentes partes do continente, levando ao constante fluxo de mercadorias e pessoas para a capital do Império veneziano.

No século XV, a Síria torna-se uma importante região para a aquisição do algodão. Os navios venezianos traziam da Síria até Veneza esta importante matéria prima utilizada na indústria têxtil da cidade. O transporte deste produto e de outras mercadorias menos onerosas era realizado através de grandes navios, diferente da seda e especiarias, que eram transportadas através das galés. Este algodão da Síria chegava até a Sereníssima baseado em um sistema que calculava ao menos duas viagens por navio, aproveitando-se da colheita. Além disso, era calculado a melhor época para realizar cada viagem, a fim de evitar o mau tempo. Esta organização comercial permite a compreensão de uma sociedade altamente voltada para a busca pelo lucro, levando ao desenvolvimento de estudos que contribuía para a melhor chegada das mercadorias em evidência na capital da República.

Além das mercadorias já apresentadas, o comércio de Veneza se desenvolve tendo como considerável contribuição, a sua produção industrial, principalmente a de navios, tecidos e vidros, este último comumente produzido em Murano. Além destas manufaturas, é importante destacar a relevância da indústria metalúrgica para cidade, essencial para o comércio no Levante e Egito. E a fabricação de tijolos, telhas e sabão, que contribuía no abastecimento e diversificação da indústria e comércio. É possível afirmar que as manufaturas contribuía para que Rialto se tornasse menos dependente da importação de especiarias para garantir o lucro.

Grande parte da manufatura veneziana era fabricada por artesãos que atuavam de forma independente, produzindo e vendendo o artesanato em sua própria loja ou diretamente para vendedores. Permitindo que a pequenos artesãos e lojistas pudessem lucrar com o fluxo de pessoas que se dirigiam a cidade, além de abastecerem as galés dos mercadores que se dirigiam a outros portos do Mediterrâneo. O desenvolvimento de uma cultura conectada a recepção de viajantes estrangeiros é consequência dessa movimentação de pessoas para a cidade. Além disso, a presença de artesãos bem qualificados que produziam constantemente manufaturas

contribuía para que Veneza precisasse importar muita matéria-prima para a perpetuação desta atividade, o que conseqüentemente estreitava ainda mais para a ligação do comércio e cultura com o exterior.

Entre as indústrias mais conhecidas de Veneza, a de produção de vidro destacava-se na cidade. Em Murano, eram produzidos artigos de luxo como tigelas esmaltadas e lentes de óculos; e manufaturas mais comuns como copos, garrafas e tigelas de vidro. Esta indústria era conhecida pela alta qualidade, relacionada as técnicas e aos bons materiais utilizados em sua produção o que conseqüentemente atraía mercadores de outras regiões europeias interessados na compra destas manufaturas de vidro.

A estratégica posição geográfica da laguna, no Norte da Itália e banhada pelo mar Adriático, bem como a constante chegada de matérias-primas vindas do Norte da Europa, da Síria, Egito e dos territórios ultramarinos, permitiam que Veneza recebesse produtos essenciais para o desenvolvimento de sua indústria têxtil. Na cidade, a seda crua dava lugar a tecidos de seda bem trabalhados, o mesmo acontecia com a lã e o algodão. Esta manufatura permitia o abastecimento da laguna e regiões próximas, além de contribuir para que estes tecidos pudessem ser comercializados em outros portos do Mediterrâneo com o seu valor agregado da produção.

Estas indústrias venezianas eram essenciais para o comércio com os germânicos, Síria e Egito, o que faziam com que o Estado buscasse garantir a manutenção e regularização da produção, a fim de manter a chegada de metais, lã, algodão e especiarias a cidade. A indústria metalúrgica em especial, era influenciada pela lei de Veneza. A República exigia que o ouro, prata e o cobre fossem refinados antes que saíssem da laguna até os portos de importação das especiarias. Os metais eram refinados em uma grande indústria, de forma padronizada e regulamentada pelo governo. Segundo Frederic Lane: “And the mint was operated not by private initiative for private profit but by officials according to the rulers laid down by the governing councils” (LANE, 1973, p. 161). Por meio destas regulamentações é possível compreender o papel do poder do Estado na organização do comércio e o papel que os metais europeus possuíam na economia da cidade.

As indústrias têxteis e metalúrgicas eram relevantes para a realização do comércio de Veneza, assim como a de produção de vidro em Murano. Entretanto, era no Arsenal de Veneza, que seria possível compreender as bases do seu comércio. Segundo D. S. Chambers, o Arsenal de Veneza, talvez seria o maior complexo industrial europeu. Neste local, eram produzidos os navios particulares e do Estado, assim como grande parte da artilharia veneziana. O governo

controlava o tamanho e a qualidade das galés produzidas no Arsenal, além de regulamentar todos os trabalhos especializados nas docas secas e molhadas, estaleiros e oficinas de velas e cordame. Segundo o historiador Marino Sanudo que escreve quase um século após 1423, a cidade contava com 3000 embarcações, que permitiam a chegada de pessoas, mercadorias e principalmente, proteção a cidade, as colônias e ao transporte veneziano.

Era essencial para Veneza a garantia de uma poderosa frota naval. Por meio dela, os mercadores da Sereníssima poderiam realizar o lucrativo comércio de longa distância para Síria, Alexandria, Constantinopla, em Tana no mar Negro e a partir de 1436, para o Norte da África em direção ao sul da Espanha. Este investimento no poder da sua frota naval tinha como objetivo, garantir a chegada e proteção das mercadorias transportadas, evitando que a carga fosse roubada ou destruída pelos corsários, no Mediterrâneo. Os navios de Veneza possuíam também uma importância fundamental para a manutenção das suas bases no *Stato da mar* ou para a conquista de novos territórios, o que mais uma vez estava atrelado a necessidade da República de obter o lucro com o comércio de longa distância.

Além das intensas trocas de mercadorias em Veneza, os venezianos praticavam o desumano comércio de seres humanos. Os escravizados eram comprados ou capturados pelos venezianos durante séculos, em locais como a Dalmácia e mar Negro. No século XV, era comum a existência de “escravos domésticos” na casa de patrícios venezianos ou trabalhando em plantações de Creta e Chipre, que eram possessões de Veneza. Segundo D. S. Chambers: “os impostos sobre a importação e reexportação de escravos rendem ao Estado, desde 1414, a soma de 50 000 ducados, declara o doge Mocenigo, no dia do seu discurso em 1423” (CHAMBERS, 1972, p. 132). Entretanto, é possível afirmar que a escravidão não correspondia a principal atividade econômica de Veneza, o que não impedia a sua utilização de forma cruel.

A respeito do comércio de sal, já comentado anteriormente. No século XV, Veneza mantém o seu predomínio sob o processo de produção e comercialização deste produto, principalmente na região do Norte da Itália e do mar Adriático. Assim como acontecia em suas principais indústrias, o governo veneziano buscava regulamentar o sal, por meio da *Camera del Sal* as autoridades definiam com os exportadores o preço, quando e para quem o sal deveria ser vendido. Este controle objetivava a garantia do predomínio de Veneza no comércio e produção deste produto, uma vez que é evidente que o governo veneziano garantia grandes receitas com todas atividades econômicas envolvendo o sal.

No que se refere a compreensão da prosperidade de Veneza entre 1381 a 1453, a cidade era um verdadeiro polo multicultural. Se constituindo como um dos maiores portos do Mediterrâneo, que recebia constantemente a chegada de marinheiros venezianos e estrangeiros. Durante o final do século XIV, a cidade ganha um movimento de constante crescimento, tendo como pano de fundo o seu comércio com o Oriente, principalmente com o Egito e Síria, assim como sua expansão do *Stato da mar* e da *Terraferma*. De forma que para historiadores como D. S. Chambers, a cidade atinge o auge de sua prosperidade nas duas primeiras décadas do século XV, em razão dos motivos já assinalados. Esta prosperidade veneziana se estende até o século XVI, mesmo com o crescimento do império Otomano, que em 1431 conquista Tessalônica, tornando direto o embate entre as duas potências e com a invasão de Constantinopla, em 1453.

Esta prosperidade veneziana do início do século XV, pode ser observada através do discurso de Tomás Mocenigo, que afirma que Veneza teria a “riqueza da cristandade”, no ano de 1423. O tamanho territorial do seu *Stato da mar* e da *Terraferma*, bem como seu predomínio no comércio de especiarias no Mediterrâneo do século XV, contribuem para a validar esta afirmação, embora a expansão dos Turcos ameaçasse sua primazia.

Além dos relatos e discursos sobre Veneza, as obras arquitetônicas construídas na primeira metade do século XV e o estado físico da cidade podem constituir como elementos que tornam possível a observação da prosperidade veneziana. A opulência da época pode ser notada pela construção da casa particular de Marino Contarini, realizada entre 1421 a 1431, e chamada de Cá’ d’Oro. A obra representa o auge de um estilo arquitetônico conhecido como flamejante¹⁸. É possível observar também o fim da construção da *basílica de Santi Giovanni e Paolo* em 1430, que constitui como uma das maiores igrejas de Veneza até hoje.

Conclusão

A Sereníssima República de Veneza enriqueceu através do comércio de longa distância entre os séculos XIII e XV, tendo como elemento fundamental para a realização desta atividade, o seu poder naval. Através da sua esquadra, os mercadores venezianos conseguiram proteger

¹⁸ Principalmente entre os séculos XIV e XV, os palácios dos mercadores de Veneza eram construídos em um estilo arquitetônico único. Caracterizado pela arquitetura gótica com influências bizantinas e mouriscas, tudo isso adaptado a geografia da cidade. Os palácios venezianos neste estilo possuíam fachadas extremamente ornamentadas, com varandas e muitas janelas em arcos de formato ogival.

os seus navios carregados de mercadorias valiosas para os europeus ocidentais de ataques de corsários e navios de nações estrangeiras, além de fornecer uma maior segurança para a cidade de Veneza. Este poderio naval permitia também que a República obtivesse colônias ao longo do mar Mediterrâneo, conseguindo manter estes territórios através da proteção e violência realizada pelo império.

Com a expansão do Império Otomano entre os séculos XIV e XV, Veneza utiliza o seu poder econômico e militar, bem como da sua diplomacia, para aquisição de territórios banhados pelo mar Mediterrâneo. Por meio da compra e invasões de áreas no mar Egeu e Adriático, a Sereníssima expande seu império. Como ocorria desde o século XIII, através das possessões ultramarinas, os mercadores venezianos conseguiram garantir suporte para navegação de longa distância, permitindo que seus navios fossem abastecidos e reparados, além de oferecer proteção, descanso, alimento e água para seus mercadores. Como consequência, as colônias do *Stato da mar* contribuíam para o sucesso das viagens realizadas pelos venezianos. No final do século XIV, a aquisição de colônias permitiu que a Sereníssima mantivesse controle sob áreas estratégicas para o fluxo de mercadorias no Adriático, e assim permitindo o seu monopólio comercial. É essencial destacar que Veneza explorou os recursos das suas possessões ultramarinas, monopolizando o comércio das colônias, a fim de obter produtos agrícolas e matérias primas necessárias para a sua indústria naval.

Durante primeira metade do século XV, o domínio veneziano sob a região conhecida como *Terraferma*, permitiu que a cidade mantivesse o constante fluxo de mercadorias vindas do continente até Veneza, além de obter impostos e recrutar homens para o seu exército. A conquista desta região próxima a laguna, permitiu que Veneza assegurasse o seu comércio com os mercadores da Europa continental. Mantendo o fluxo constante de mercadorias necessárias para a vida dos habitantes da cidade e permitindo a entrada de matérias primas necessárias para a indústria veneziana.

Após a quarta grande guerra de Veneza contra Gênova, os venezianos se beneficiam da diminuição da concorrência no comércio de especiarias em Alexandria e na Síria. Através do estabelecimento de boas relações diplomáticas com o Egito, os mercadores de Veneza garantem o seu predomínio no comércio de especiarias no Mediterrâneo Oriental, tendo como suporte a suas colônias e seu poder naval. Neste contexto, os venezianos obtiveram grandes lucros, levando produtos ocidentais como metais e tecidos até os portos do Mediterrâneo Oriental, a fim de obter mercadorias orientais.

Desde o século XIII, a utilização do poder econômico e militar garantiu a Veneza o controle do comércio de produtos encontrados em regiões vizinhas, como grãos e sal. Além da

extração de sal na laguna, as manufaturas de vidro e produção de tecidos trabalhados de seda, algodão e linho ajudavam no comércio de Rialto. A chegada de produtos das colônias, dos mercadores germânicos e dos grandes portos do Mediterrâneo Oriental, somada a população relativamente grande da cidade, fez com que Veneza permanecesse como grande centro comercial entre os séculos XIV e XV.

Referências bibliográficas:

ABU-LUGHOD, Janet L. **Before European Hegemony: The world System A. D. 1250-1350**. Oxford University Press, New York, 1989.

BASKIN, Jonathon Barron & MIRANTI Jr., Paul J. **A History of Corporate Finance**. Cambridge University Press, New York, 1997.

BOYER-XAMBEAU, Marie-Thérèse et. al. **Private Money and Public Currencies: The 16th Century Challenge**. M. E. Sharpe, New York, 1994.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo – Séculos XV-XVIII**. Volumes 01, 02 e 03. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1997.

BRAUDEL, Fernand. **O modelo Italiano**. Companhia das letras, São Paulo, 2007.

CAVALLO, Guglielmo. **O Homem Bizantino**. Editora Presença, Lisboa, 1998.

CHAMBERS, D. S. **Veneza Imperial: 1380 – 1580**. Editorial Verbo. Lisboa, 1972.

CROWLEY, Rorger. **City of Fortune: How Venice ruled the seas**. Random House, New York, 2011.

DAY, John. **Money and Finance in the Age of Merchant Capitalism**. Blackwell Publishers Ltd., Oxford, 1999.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador. Vol. 02: Formação do Estado e Civilização**. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.

LANE, F. C. **Venice: a Maritime Republic**. The Johns Hopkins University Press, London, 1973.

LOPEZ & RAYMOND. **Medieval Trade on the Mediterranean World: illustrative documents**. Columbia University Press, New York, 2001.

METRI, M. **A Formação dos Estados Territoriais, o Mosaico Monetário e a Acumulação Financeira na Europa Ocidental na Passagem da Idade Média para a Moderna**. in: Martins e Soihet. **Encontros entre Economia e História**, Editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2011.

METRI, Mauricio Médici. A primazia mercantil e monetária da Sereníssima República de Veneza na Europa nos séculos XIII e XV. **Revista OIKOS**, Rio de Janeiro, Volume 11, n. 2. páginas 143-165, 20 de outubro de 2012.

PERROY, E. **A Idade Média: Os Tempos Difíceis**. vol. 8, in: CROUZET, M. (org.), História Geral das Civilizações. Editora Bertrand Brasil S.A., Rio de Janeiro, 1994.

PIRENNE, Henri. **As cidades da idade média**. Editora Europa-América. 6º edição, Mem Martins, 2009.

PIRENNE, Henri. **História econômica e social da idade média**. Editora Mestre JOU. 5º edição, São Paulo, 1978.

ROOVER, Reymond de. **The Commercial Revolution of the Thirteenth Century**. In: LANE, Frederic C. *Entreprise and secular change: Readings in Economic History*. Londres: George Allen and Unwin LTD, 1953.

SAPORI, Armando. **The Italian Merchant in the Middle Ages**. Translated by Patricia Ann Kellen. New York: Norton & Company, Inc., 1970.

WOLFF, Philippe. **Outono da idade média ou primavera dos novos tempos?** Edições 70, Lisboa, 1986.